



SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS: UMA ANÁLISE DESMISTIFICADORA DA IMAGEM DO PROFESSOR HERÓI

Giovana da Silva Uggioni – PPGE UNESC

Jucelma Cardoso Cipriano – PPGE UNESC¹

Resumo: O presente trabalho analisa o filme “Sociedade dos Poetas Mortos” à luz da visão e reflexão do papel do professor redentor na atual sociedade, desenvolvendo uma crítica às narrativas redentoras que transferem os motivos pelos problemas educacionais do aluno e suas possíveis soluções ao professor. Neste sentido, o estudo caminha para uma leitura mais aprofundada desde a constituição do que seria o professor herói até o desvelar deste mito, ancorados em Fischman e Sales (2010), Saviani (2008), utilizando ilustrações de alguns episódios do filme. Essa desmistificação do heroísmo atribuído ao professor se dá no sentido de desconstruir essa visão que responsabiliza o docente por todos os acontecimentos no ambiente escolar, uma vez que acreditamos na existência de professores heróicos, os quais inúmeras vezes trabalham em condições precárias, com salários baixos, pouca estrutura psicológica e, praticamente, sem apoio político e social. Nesse viés, afirmamos que muitos dos problemas enfrentados no espaço escolar ultrapassam os muros da escola e estão atrelados a questões de ordem social e política, portanto, as reais mudanças dependem de um entrelaçamento desses três eixos – escola-sociedade e políticas públicas para que efetivamente aconteçam as transformações no âmbito da escola e, por conseguinte, na sociedade e na política. Ressaltamos ainda, que não pretendemos tirar do professor todos os encargos relativos à sua profissão, apenas distribuir, de forma justa, a responsabilidade. Assim, os resultados, a partir da análise de episódios do filme, aponta-nos para a existência das narrativas redentoras, levando-nos, então a uma reflexão do real papel do professor.

Palavras-chave: Filme; Pedagogia Redentora; Professor herói.

O Panorama - contexto social neoliberalista

Vivemos em uma sociedade neoliberalista que propaga o ideário de que o sucesso ou o fracasso depende de cada um de nós, portanto, as oportunidades são dadas a todos, apagando traços como o contexto socioeconômico e sócio-cultural de cada um, isolando o ser humano e transferindo a ele a responsabilidade de êxito ou fracasso em sua vida, “os interesses do capital não aparecerão nunca como interesses e intenções subjetivamente explicitados do capitalista, da classe dominante ou de seus supostos sequazes (...)” (SAVIANI, 2008, p.30), mas sim, de forma sutil e envolvente, ou seja, correspondemos às expectativas do capital sem darmos conta da total alienação da qual fazemos parte.

¹ Mestrandas em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Em vista deste cenário, percebemos que o neoliberalismo também perpassa o ambiente escolar, tanto no que se refere ao educando quanto ao professor. Para o primeiro, é oferecido o estudo, cabendo a ele estudar; e ao segundo, o papel de ser o professor transformador de seus educandos, passando à falsa ideia de que essas transformações dependem apenas do esforço do professor isolado em sua sala de aula, uma vez que “as perspectivas neoliberais reforçam o senso comum dos educadores sobre seu papel individual e a necessidade de manter a política fora da sala de aula.” (FISCHMAN e SALES, 2010, p. 11)

Teoria versus *corpus* – uma análise

Na perspectiva de observação acima contextualizada, tomamos como *corpus* para a análise o filme “Sociedade dos Poetas Mortos”, ilustrando com episódios do filme a existência de uma narrativa redentora. Nesse sentido, faz-se necessário explicar como se manifestam as narrativas redentoras:

Funcionam quando um professor individual supera todos os fracassos sistêmicos através da força tênue de sua consciência e de seus feitos heroicos e “orgânicos”. Quando outros seguem o superprofessor; a sala de aula ou a escola, como um sistema amplo, são resgatadas. (...) Se reconhecida e aceita, a visão redentora irá, após a derrota do inimigo, criar a escola ideal, na qual o professor perfeito e o aluno modelo irão aprender em harmonia, separados do caos do sistema educacional e social circundante. (Fischman e Sales, 2010, p. 14)

Dessa forma, passaremos a verificar as passagens do filme que podem configurar a presença da narrativa redentora, por meio da qual os problemas culturais, econômicos e sociais são superados pela ação do professor e se alcança o sucesso ao ensinar. A partir disso, propomos a seguinte reflexão: há possibilidade de se ensinar de maneira isolada do restante do mundo?

Antes de comentarmos essa questão, faremos um breve resumo da história do filme para situar o leitor.

A história se passa no ano de 1959, na Welton Academy, uma tradicional escola preparatória somente para meninos, que recebe um ex-aluno, Keating para o cargo de professor de literatura. O filme inicia com uma palestra para os estudantes, na qual o diretor fala sobre os quatro pilares da escola: tradição, honra, disciplina e excelência. Além disso, enfatiza que a escola recebe os filhos de pessoas economicamente bem-sucedidas e que almejam que seus descendentes sigam os mesmos (ou semelhantes) passos que os pais, cujas profissões são médicos, engenheiros, advogados.

Em contrapartida, a arte é apresentada de maneira pejorativa, por isso, as aulas do inovador professor de literatura causam a aversão dos pais e levam os alunos a refletirem

sobre suas vidas, questionando os passos, que parecem já terem sido escolhidos para cada um deles e sem possibilidade de mudança.

O professor propõe métodos de ensino que incentivam seus alunos a pensarem por si mesmos. É um professor amigo, que inclusive joga bola com seus pupilos, rasga as páginas do livro que não considera importante, enfim, apresenta um comportamento muito diferente, uma vez que a escola adota uma postura conservadora de ensino. Agindo assim, com espontaneidade, o professor acaba conquistando o carinho de seus educandos.

Os alunos, ao olharem o anuário do ex-aluno e atual professor descobrem que ele participava da “Sociedade dos Poetas Mortos”, que era uma reunião em que os alunos para recitavam, escreviam poemas, liam livros, por fim, viviam o ideário “Carpe Diem” (aproveite o dia). Depois disso, a sociedade é retomada pelos alunos do professor Keating, com encontros noturnos em uma caverna nas redondezas da escola.

Envolvido neste mundo no qual a arte é representa um valor importantíssimo, um dos alunos, Neil, apaixonado pelas artes dramáticas, mostra ao pai um desejo, para sua vida diferente daquele desejado por seu pai: ser ator. Todavia, o patriarca ignora a vontade do filho totalmente, retira-o da Academia e promete mandá-lo para um colégio militar. Sentindo-se sem saída, triste, Neil resolve suicidar-se. Sobre esse fato, o professor Keating é considerado culpado tanto pelo pai do aluno e quanto pela direção da escola, afinal, lecionava de forma a incitar a rebeldia dos internos. Por isso, é demitido.

O ápice do filme ocorre no último episódio, quando o diretor ministra a aula de literatura, em virtude da demissão do professor Keating, que entra na sala para pegar seus materiais. Nesse instante, um dos alunos inicia uma manifestação, subindo na carteira e falando “O Capitão, meu Capitão!”, e assim outros alunos também se manifestam, fazendo o professor acreditar que transformou aqueles alunos.

As Inquietações – algumas considerações

Apesar da linda cena em que o professor parece satisfeito por ter cumprido seu dever, fica o questionamento: será que aqueles alunos iriam superar a condição imposta por seus pais? Pautemos-nos no caso de Neil. Nesse momento, pudemos perceber que, por mais que o professor tenha lutado, não conseguiu convencer o pai do aluno a aceitar os sonhos do garoto. Nesse viés, é possível considerar que, sem uma mudança maior que atinja a sociedade, a mudança não se efetiva de fato.

Outra questão que gostaríamos de levantar é: o professor tinha uma postura pedagógica diferenciada, mais afetiva, mais flexível, entretanto, isso foi suficiente para mudar a postura da Academia, sendo que ele foi demitido? Ou será que precisamos de políticas públicas nas diversas esferas para pensarmos e “fazermos” uma educação diferente?

Não estamos aqui querendo desmotivar os tantos professores comprometidos pelo Brasil afora, mas pretendemos ir além, para que estes não sirvam apenas de esperança de dias melhores. Desejamos lutar por mudanças mais profundas, há tantos anos almejadas, de maneira interligada com a sociedade, pois a escola não pode ser concebida de forma isolada e o professor não pode ser o único responsabilizado, já que “uma característica notável das narrativas redentoras é a apresentação normativa dos conflitos e lutas como expressões de esperança.” (FISCHMAN E SALES, 2010, p. 15)

Sendo assim, faz-se necessário investir em formação inicial e continuada para que os professores possam entender seu papel e também lutem de maneira esclarecida por melhorias educacionais e sociais. Contudo, é necessário que saibam claramente que esta luta não é apenas deles, mas de todos que almejam uma sociedade menos individualista, não centrada no capital, mas sim, no ser humano.

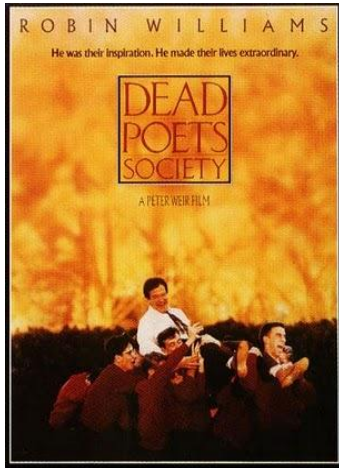
A noção do professor como intelectual comprometido é exatamente o oposto do professor superagente de mudança educacional, em que é capaz de realizar tarefas heróicas e, portanto, tudo é possível (...), proponho que as realizações do intelectual comprometido sejam muito mais simples: A concepção de política que defendemos é muito diferente da ideia de que ‘tudo é possível’. Na verdade, é uma imensa tarefa tentar propor alguns possíveis; no plural – algumas possibilidades que não aquelas que nos dizem serem possíveis. É uma questão de mostrar como o espaço do possível é maior do que aquele que nos é destinado – que algo mais é possível, mas não que tudo seja possível. (Fischman e Sales, 2010, p. 16)

Enfim, não procuramos uma fórmula para que o professor mude o mundo heroicamente e muito menos sugerimos que ele se abstraia dos conflitos do contexto escolar e se mostre alheio às responsabilidades envolvidas nesse âmbito. Ao contrário, desejamos que cada professor possa ir além do seu horizonte aparente, percebendo que as melhorias são possíveis, porém, depende de um conjunto de fatores sociais, econômicos, políticos, psicológicos.

Portanto, o que nós propomos é um professor que viva em constante busca de conhecimentos, que valorize sua formação e que tenha vontade de fazer a diferença, consciente de seu papel político em lutar por políticas públicas para a área educacional, pois “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda o que fizemos e o que fazemos”. (FREIRE, 2000, p. 67).

Segundo Rodrigues (2001, p.13), “a educação pode ser compreendida como comportamento, ação ou programa de criar e desenvolver condições para que indivíduos e grupos se apropriem do patrimônio cultural de uma civilização, tornando-se capazes de enriquecê-la e aperfeiçoá-la.”

Ou seja, a educação é o único caminho viável para que ocorram as transformações necessárias das quais o mundo precisa para ser habitado por seres realmente pensantes e conscientes de seus papéis na sociedade.



SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS: UMA ANÁLISE DESMISTIFICADORA DA IMAGEM DO PROFESSOR HERÓI

Giovana da Silva Uggioni- UNESC
Jucelma Cardoso Cipriano- UNESC

OBJETIVO GERAL:

⇒ Desvelar o mito da imagem do professor herói por meio da análise do filme “Sociedade dos Poetas Mortos” à luz de reflexões acerca das narrativas redentoras.

REFERENCIAL TEÓRICO:

⇒ Narrativas redentoras – FISCHMANN e SALES (2010);
SAVIANI (2008); FREIRE (2000); RODRIGUES (2001).

METODOLOGIA

⇒ Recorte de cenas do filme para reflexão sobre o papel do professor herói.

RESULTADOS

⇒ Por meio da análise das cenas recortadas, pôde-se considerar que o filme ilustra perfeitamente a concepção do professor redentor, que é concebido como o único responsável pelo fracasso ou sucesso dos alunos e demais acontecimentos das projeções da sala de aula.

REFERÊNCIAS

FISCHMAN, Gustavo E. e SALES, Sandra R. **Formação de professores e pedagogias críticas. É possível ir além das narrativas redentoras?** Revista Brasileira de Educação, v. 15, número 43, jan/abr, 2010, p. 7-20.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo:UNESP, 2000.

RODRIGUES, Luiz Dias. **Como se conceitua a Educação Popular?** In: MELO NETO, José Francisco de e SCOCUGLIA, Afonso Celso Caldeira (Orgs.). Educação Popular: outros caminhos. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 10 ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

Sociedade dos Poetas Mortos. Produção de Peter Weir. EUA: Abril Vídeo, 1989. Filme (128 minutos)

Referências

FISCHMAN, Gustavo E. e SALES, Sandra R. **Formação de professores e pedagogias críticas. É possível ir além das narrativas redentoras?** Revista Brasileira de Educação, v. 15, número 43, jan/abr, 2010, p. 7-20.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo:UNESP, 2000.

RODRIGUES, Luiz Dias. **Como se conceitua a Educação Popular?** In: MELO NETO, José Francisco de e SCOCUGLIA, Afonso Celso Caldeira (Orgs.). Educação Popular: outros caminhos. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 10 ed. rev. – Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

Sociedade dos Poetas Mortos. Produção de Peter Weir. EUA: Abril Vídeo, 1989. Filme (128 minutos)